



Dor primária

Julia Maria Raposo Gonçalves de Melo Larréⁱ

Calor abafado em mãos suaves. Esta era a sensação que havia tido durante meses e que não podia mais conter. Tatuagem irradiando sóis selvagens e toda a tentativa de uma fuga frustrada. Parede encoberta de heras. Incrustado na pele o desejo de manter viva a carne que nem fazia tanta questão de ser.

Dedos escreventes de formas tantas. Tantas formas de ficar no papel. Ele tinha muralha invisível. Na verdade, ele era uma muralha invisível. E no seu diário se mantinha aceso entre camadas de cimento e pedras. Havia ali uma luz. Às vezes aparecia uma perfuração mínima que brilhava tão intensamente naquele escuro profundo de mágoas e cervejas tomadas em doses largas. Saía em sorrisos de dentes restaurados.

*

Era uma afetação que o fazia tremer de medo do castigo que poderia receber por isso e se ajoelhava (milho, reza e sussurros) para que não o fizesse novamente. Tinha inveja do vaivém dos carros, das brincadeiras das crianças na rua, da tinta que sai da caneta que borra, do abraço que sufoca. *The embrace that smothers...* Já tinha ouvido essa música tantas vezes, nunca havia sentido.

Tinha vezes que mandava o mundo parar. De lá de cima do muro invisível, podendo se arriscar a observar as pessoas com mais voragem. Era aí que aquela inveja vinha e a imagem se congelava em sua frente. Tantas outras vezes se viu desse jeito e nada disso o afetava.

Mas chegou um dia, as heras envoltas em seu pescoço e a visão congelada de um abraço, que o retorno da vontade de possuir o calor abafado o havia tomado por inteiro.

Pulsando na pele o desejo contido de sufocamento abafado em suavidade. Fugia de todos os possíveis encontros íntimos e seu olhar, pleno de tristeza, ele achava que o afastava das pessoas.

Contagiava-se com palavras no papel. Criava um personagem. Colocava o sapato apertando as unhas e caminhava em direção a sua via de pedras e heras. Ele fazia de tudo para manter a sua carne viva. Mesmo que não houvesse vida ali, só luz.

Na tentação de sua inveja, que ele odiava e fazia de tudo para mantê-la inerte, um passo simples e o movimento de braços circulando pelo seu corpo era a sua maior falta na vida. Tinha tudo: só não pudera encontrar seu provedor de amor sem pagamento. Ele achava que um simples abraço poderia significar a quebra de seu muro de cimento e tijolos invisíveis. Cada material que o construía seria demolido em um toque de mãos, em um aperto sufocante com o qual ele sonhava.

*

I can't look behind because I'm living in the past.

Viva no passado para que se faça um presente tosco. Era o que sempre ouvira na infância. Mas ele não conseguia. Cessaria assim esta vontade eterna do passarinho pulsando nas mãos?

*

Mãe! Um pardalzinho no quintal!!!! Está no burquinho do muro. Tá no meio dos tijolos alaranjados. Era como uma nódoa na roupa branca. Que você tenta tirar a qualquer custo, com o perigo de estragar a roupa inteira. Queria ser ele. Só colocando na mão pra ver como posso ficar igual.

O menino arranca o pássaro de seu ninho improvisado. O abraçaria com o amor que nunca havia tido. Só havia para dar, sem saber como era receber.

*

Entre seus dedos miúdos, a dor da perda recente. Treme o coraçãozinho infantil. A primeira experiência de morte. Chora. Chora a dor latente. A dor da culpa tão primária.

*

Latente era o seu choro. Lágrimas maduras escorrendo-lhe a fronte suja de suor e barro. Passara a mão podre no rosto depois de ver o pardalzinho duro. E frio. Colocou-o contra o peito, mas não adiantava já que o aperto, a vontade de o ser o havia sufocado de tanto amor.

ⁱ **Julia LARRÉ, Profª Ms., Doutoranda**
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
jlarre1304@gmail.com